

# A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DA LÍNGUA: OS GÊNEROS TEXTUAIS SOB A ÓTICA DA DIVERSIDADE

*Data de aceite: 23/11/2023*

### **Thaís Corrêa Borges de Almeida**

Graduada em Letras e Especialista em Língua Inglesa pela Universidade Iguazu.

### **Roberta do Rosário Siqueira Mota Alvarenga**

Graduada em Letras e Especialista em Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia de Campos Mestre em Planejamento Regional e Gestão de Cidades pela Universidade Cândido Mendes de Campos

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo discorrer sobre a relação intrínseca e indissociável entre a variação linguística e a diversidade humana, assim como o papel dessa relação no contexto de leitura e produção dos gêneros textuais na sala de aula e fora dela. Partindo da premissa de que a diversidade humana engloba algumas dimensões, como gênero, raça/etnia, orientação sexual, ou ainda nível educacional, estado civil, crença religiosa e classe social dos falantes, o artigo dialoga com a variação linguística, à luz da sociolinguística, por meio de uma reflexão teórica. Considerando algumas questões norteadoras que buscaram destacar os

aspectos da variação linguística a partir de um contexto de diversidade humana, a análise de alguns componentes, tais como: históricos, regionais, de estilo e sociais, aponta, entre outros aspectos, o quanto a relação entre língua e sociedade deve ser considerada, especialmente no que diz respeito ao rompimento das barreiras impostas pelo preconceito linguístico. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, considerando autores renomados na área da linguística, cujos trabalhos e publicações têm a sociolinguística, a diversidade dos falares, o ensino da língua e a variação linguística na sala de aula como temas principais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Variação linguística. Diversidade humana. Sociolinguística. Gêneros textuais.

## **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

A linguagem é uma faculdade universal. Seja ela desenvolvida por meio oral, escrito, em gestos, expressões faciais ou por meio de imagens, é um atributo humano sem o qual a vida em sociedade jamais seria possível.

Dentre tantos artefatos linguísticos,

a língua, um importante instrumento de força, de expansão e de poder, transborda a sua função de ser instrumento de comunicação e alcança outras dimensões da existência humana.

No trecho do livro ‘Torto Arado’, do escritor brasileiro Itamar Vieira Junior, publicado em 2022 e que se transformou em um fenômeno da literatura contemporânea, o autor aborda a história de duas irmãs, marcada por uma tragédia ainda na infância.

É possível, a partir da relação de cumplicidade e compaixão entre as irmãs, perceber que a língua que faltou a uma delas não se tratou apenas do órgão muscular situado na boca e que é responsável pelo paladar e também auxilia na mastigação e na deglutição, bem como na produção de sons.

Dentre as coisas que levava, e talvez a que mais me machucava, era a minha língua. Era a língua ferida que havia expressado em sons durante os últimos anos as palavras que Belonísia evitava dizer por vergonha dos ruídos estranhos que haviam substituído sua voz. Era a língua que a havia retirado de certa forma do mutismo que se impôs com o medo da rejeição e da zombaria das outras crianças. E que por inúmeras vezes a havia libertado da prisão que pode ser o silêncio. (VIEIRA JÚNIOR, 2019)

A língua decepada, insuficiente, precarizada pelo preconceito da própria comunidade de fala onde as personagens estavam inseridas, impediu que Belonísia pudesse estudar, escolher com quem se casar ou tornar-se a representante da cultura religiosa ancestral que a cercava. Ao mesmo tempo, Bibiana, isenta da deficiência física que acometia a irmã, fazendo jus ao livramento que recebera ainda criança, fez de sua língua - músculo e comunicação, um potente instrumento para a libertação e instrução de seu povo, marcado pelo racismo e a escravidão no Brasil.

Com o poder que emana da língua, compreendida como um fenômeno social, esta deve, sempre que analisada, ser abordada junto a um contexto social, levando-se em conta as relações entre estruturas linguísticas e os aspectos sociais e culturais do universo de seus falantes.

Entender que a língua é social, heterogênea e mutável, perpassa pela compreensão da diversidade humana e as dimensões por ela abarcadas.

A diversidade pode ser definida como a convivência de múltiplas características e aspectos inatos ou adquiridos ao longo da vida por uma pessoa, ou um grupo de pessoas e que compõem a pluralidade de vozes e pontos de vista que permeiam a existência humana.

Como dimensões da diversidade, destacam-se, por exemplo, questões que envolvem gênero, raça/etnia e orientação sexual, bem como aquelas que englobam o nível educacional, estado civil, crença religiosa e classe social.

A diversidade humana impacta, diretamente, na maneira como as pessoas se comportam, se relacionam e se comunicam umas com as outras, e com o mundo.

O encontro de pessoas provenientes de diferentes lugares e contextos constitui o que conhecemos como diversidade social. Uma diversidade que abarca diferentes idiomas,

culturas, religiões, etnias, classes sociais, identidades de gênero e particularidades inerentes a todo ser humano. (CAMPOS, Kiko. 2020)

Podemos dizer que, em um país continental como o Brasil, a diversidade social está presente em diversos cenários, tais como: identidade de gênero; orientação sexual; classe social; formação acadêmica; características físicas e biológicas; raça, religião e regionalidade.

Considerando a associação dessas reflexões à relevância das variações linguísticas no ensino da língua materna, com ênfase na leitura e na produção dos gêneros textuais diversos, é apresentada uma breve análise de competências linguísticas e comunicativas a serem desenvolvidas no âmbito escolar a fim de desmistificar a uniformidade da língua, independente do gênero em questão.

## **DIVERSIDADE E LINGUAGEM: AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS**

Neste contexto tão plural, a variabilidade e a diversidade constituem-se características inerentes aos sistemas linguísticos. Vale reforçar que a língua não é imutável, estática, cujas regras e palavras estão definitivamente dicionarizadas ou registradas nas gramáticas. Como entidade viva, está em constante evolução ao longo do tempo, em diferentes espaços, no uso por variados grupos sociais e nos mais diversos contextos. Sendo assim, pessoas que vivem numa mesma comunidade podem usar a mesma língua em suas mais diferentes formas.

A sociolinguística variacionista, proposta pelo linguista estadunidense William Labov (1927 -), desconstrói a ideia da língua como um sistema homogêneo e autônomo e concebe a ideia da língua como um sistema heterogêneo. A variação, portanto, é inerente a esse sistema, sendo influenciada por fatores internos e externos.

Nas palavras de Magda Soares (1986), “embora um grupo de pessoas que utilizam a mesma língua constitua uma comunidade linguística, isto não significa que essa língua seja homogênea e uniforme. A diferenciação geográfica e social entre segmentos de uma mesma comunidade linguística resulta em um correspondente processo de diferenciação linguística que pode dar-se nos níveis fonológico, léxico e gramatical”.

Para Labov apud MONTEIRO (2008), “língua é um conjunto estruturado de normas sociais”. Tal afirmação é corroborada por BAGNO, quando este afirma que enquanto a Gramática Tradicional tenta construir uma “língua” como uma entidade homogênea e estável, a Linguística reconhece a língua como uma realidade intrinsecamente heterogênea, variável, mutante, em estreito vínculo com a dinâmica social e com os usos que dela fazem os seus falantes. (BAGNO, 2007, p.73)

A noção de “erro”, em língua, tem a mesma origem das outras concepções de “certo” e “errado” que circulam na nossa sociedade. Assim, é bom lembrar logo de saída que todas as classificações sociais e culturais de “certo” e “errado” são resultantes de visões de mundo, de juízos de valor, de crenças

culturais, de ideologias e, exatamente por isso, estão sujeitas a mudar com o tempo. (BAGNO, 2007)

Varição linguística é a capacidade que a língua tem de se transformar e se adaptar de acordo com alguns componentes, podendo ser:

i) **histórica** (tempo) ou diacrônica: é a maneira como a língua foi evoluindo a partir do tempo. Desde a chegada dos portugueses ao Brasil até os dias atuais, a língua portuguesa vem sendo, mostrando que a língua evolui com o tempo. *Você*, que advém de *vosmecê*, ou até mesmo a palavra *foto* com origem em *fotografia*, são exemplos de vocábulos que passaram por diversas alterações ao longo do tempo.

ii) **regional** ou diatópica: Palavras ditas em regiões diferentes que significam a mesma coisa, como por exemplo, *aipim* ou *mandioca* ou *macaxeira*. A variação fonética também é considerada na variação regional dos sotaques para pronunciar, por exemplo, a palavra *porta*.

iii) **estilo** ou diamésica (formal ou norma padrão): O estilo de língua é definido de acordo com a situação. A variação de estilo tem a ver com o que é considerado adequado ou não.

- linguagem formal e informal
- padrão e não padrão
- coloquial e culta

iv) **social** ou diastrática: trata-se da variação relacionada ao grupo social. A linguagem feminina, por exemplo, pode se diferenciar da linguagem masculina, assim como o idoso se comunica usando vocábulos e expressões característicos de sua geração, confrontando com a maneira com que um jovem se comunica, de acordo com sua contemporaneidade.

Segundo MONTEIRO (2008), “uma variante linguística adquire prestígio se for associada a um grupo social considerado superior”. Ainda,

A variação linguística pressupõe a valorização social. As variantes empregadas por falantes dos estratos mais baixos da população em grande parte são estigmatizadas. E o preconceito é tanto mais forte quanto maior for a identificação da forma com a classe discriminada. À proporção que passa a ser usada por outros grupos, o estigma vai diminuindo até deixar de existir completamente, se a variante é aceita pela classe dominante. (MONTEIRO, 2008. p. 65)

Embora a variação linguística aconteça naturalmente entre os falantes de uma determinada língua, é importante ressaltar que ela não ocorre ao acaso ou de maneira aleatória e desorganizada.

De acordo com MONTEIRO (2008), “o sistema linguístico é dotado de regras categóricas ou invariáveis, que não podem ser infringidas, sob pena de dificultar ou mesmo inviabilizar a compreensão”.

Mas, além das regras categóricas ou invariantes, existem e, sem dúvida em maior abundância, as regras variáveis. Que se aplicam no cotidiano das pessoas, sempre quando duas ou mais formas de concorrência estão num mesmo contexto e a escolha de uma depende de uma série de fatores, tanto de ordem interna ou estrutural como de ordem externa ou social. (MONTEIRO, 2008, p. 58)

O reconhecimento das variações linguísticas têm contemplado as múltiplas possibilidades de a língua realizar-se, atendendo às diversidades do lugar, do meio social ou da situação sociocultural que envolvem a atividade verbal nos mais variados contextos. Embora tais possibilidades de variação têm sido mais analisadas, preferencialmente, na oralidade, com foco para as especificidades dialetais, a língua escrita ainda não recebeu esse “olhar” mais acentuado, que enxerga suas diferenças de uso; ou seja, a língua escrita ainda é vista como uniforme, totalmente estável, sem variações. Essa visão de uniformidade na escrita repercute nos trabalhos escolares, que, muitas vezes, privilegia o ensino de esquemas rígidos, com formas nas quais todos os textos devem se encaixar. (ANTUNES, 2009, p.207)

Sendo assim, é fundamental reconhecer os fatores extrínsecos à língua que promovem e permitem sua variabilidade, seja em relação à oralidade ou em relação à escrita, a fim de que haja uma condução adequada dessa questão, tanto em sala de aula quanto nos demais contextos sociais.

## LÍNGUA ESCRITA, VARIAÇÕES E GÊNEROS TEXTUAIS

Observa-se, a partir das semelhanças entre as modalidades oral e escrita da língua, a constatação de que os textos escritos também admitem variações, refutando a ideia de que a escrita deve ser padronizada e uniforme. A defesa de uma escrita plural, múltipla e com propósitos comunicativos contextualizados é fundamental para uma prática textual mais consciente e produtiva.

De acordo com Antunes (2009, p.209), a escrita deve ser considerada para além da frase, na sua forma textual e como atividade interativa, que, por sua vez, reflete a atuação social das pessoas; ou seja, a escrita, como atividade linguística, tem que ser percebida na sua dimensão de texto, tanto para quem escreve quanto para quem lê. A autora ainda destaca que escrever é, simultaneamente, inserir-se num contexto qualquer de atuação social e pontuar nesse contexto uma forma particular de interação verbal (ANTUNES, 2009).

Tendo em vista essas reflexões, percebe-se que a interação verbal por meio da escrita está sujeita às determinações dos contextos socioculturais, entre outros aspectos, tais como as determinações do sistema linguístico. Portanto, vários são os fatores que comprovam a heterogeneidade da escrita como, por exemplo, situações múltiplas e diferenciadas, no tempo e no espaço; a intencionalidade discursiva; e a própria singularidade

da natureza humana.

Os textos estão sempre em correlação com os fatores contextuais presentes à situação de comunicação, o que, de certa forma, influencia até mesmo a escolha do tipo e do gênero a ser escrito. (ANTUNES, 2009, p. 209)

Dessa forma, os gêneros textuais, assim como os respectivos tipos a que estão predominantemente associados, são fruto de toda uma situacionalidade discursiva que permite e determina o uso das variantes linguísticas na construção dos textos.

Dentro dessa perspectiva da variação dos textos em função dos contextos em que circulam, a linguística sobretudo aquela de orientação pragmática, tem proposto e desenvolvido a categoria discursiva de *gêneros textuais* na pretensão de caracterizar as especificidades das manifestações culturais concernentes ao uso da língua e de facilitar o tratamento cognitivo desse uso, seja oral, seja escrito. (ANTUNES, 2009, p. 210)

O processo de ensino da língua escrita deveria privilegiar, portanto, a produção, a leitura e a interpretação dos mais variados gêneros que circulam no meio social e, paralelamente, o reconhecimento e a aplicação das diversas formas de se expressar, levando em consideração todos os fatores que permeiam a variação linguística. Qualquer postura que se oponha a essa concepção, numa tentativa de uniformização da língua em detrimento das especificidades dos gêneros textuais, não está em conformidade com o bom senso que deve reger o uso eficaz da linguagem.

## LÍNGUA: INSTRUMENTO DE FORÇA, DE EXPANSÃO E DE PODER

O estudo sociolinguístico tem como objeto de análise a relação entre língua e sociedade, e como estas podem interagir entre si. Ele permite compreender como as línguas evoluem e se adaptam às mudanças sociais e culturais.

A língua não é simplesmente um "meio de comunicação" - ela é um poderoso instrumento de controle social, de manutenção ou ruptura dos vínculos sociais, de preservação ou destroçamento das identidades individuais, de promoção ou de humilhação, de inclusão ou de exclusão. A língua é lugar e meio de conflito, porque a sociedade em que vivem os seus falantes também é conflituosa. (BAGNO, 2007, p. 83)

Além de ser um veículo para se transmitir informações, a língua é também um meio para estabelecer e manter relacionamentos com outras pessoas, fato que estimula a produção de análises mais profundas e estudos mais contundentes acerca desta relação que é intrínseca e inerente à espécie humana.

A reflexão a que se propõe este estudo refere-se à importância de oportunizar aos alunos, especialmente aos de classes sociais desfavorecidas, o acesso à cultura letrada, sem desvalorizar as variantes que compõem a realidade linguística do português brasileiro e que fazem parte do cotidiano dessas pessoas. Proporcionar o acesso à norma-padrão da língua, sem ferir a(s) diversidade(s), é relevante no sentido de oferecer a chance dessas

classes sociais lutarem pela cidadania com os mesmos instrumentos disponíveis para os falantes das classes privilegiadas.

## **ROMPENDO BARREIRAS DO PRECONCEITO LINGÜÍSTICO**

Baseando-se em uma cultura de ideias e conceitos pré-estabelecidos, a sociedade vem perpetuando, ao longo do tempo, algumas formas de preconceitos, tais como o preconceito regional, socioeconômico, cultural, além do racismo e homofobia.

O preconceito linguístico consiste na exclusão ou na diminuição de prestígio do falante da língua considerada não-padrão. É quando um sujeito é menosprezado por não dominar e utilizar a norma culta da língua, preconizada pela gramática normativa.

Sabe-se que reconhecer a norma-padrão da língua e saber utilizá-la nos contextos em que ela se faz necessária é fundamental. No entanto, é importante reconhecer que a norma-padrão está relacionada a classes privilegiadas, e que a língua não é única nem uniforme. Portanto, as variantes que fogem a essa norma não podem ser deslegitimadas.

É fato que a língua muda constantemente e que pode e deve se adequar a diferentes situações comunicativas. A compreensão desse caráter dinâmico da língua é fundamental para combater as situações, muitas vezes recorrentes, de preconceito linguístico.

Na perspectiva de BAGNO (2007), “uma sociedade extremamente dinâmica e multifacetada só pode apresentar uma língua igualmente dinâmica e multifacetada”.

As gramáticas normativas tentam ser um molde. Só que o uso que se faz delas, em geral, é uma costura às avessas. Em vez de pegar o molde para, com ele, cortar o tecido e depois montar o vestido, os normativistas, e o ensino tradicional baseado neles, fazem o contrário: pegam um uso real e concreto de língua (um vestido já pronto) e vão medir e avaliar esse uso para ver se ele está de acordo com o molde preestabelecido. (BAGNO, 2014, p.160).

Segundo CAMACHO (1988) os fatores que originam as variações linguísticas são múltiplos, como por exemplo:

- Dialeto – variações faladas por comunidades geograficamente definidas.
- Socioleto – variações faladas por comunidades socialmente definidas.
- Idioleto – é uma variação particular, isto é, o vocabulário especializado e/ou a gramática de certas atividades ou profissões.
- Etnoleto – variação para um grupo étnico.
- Ecoleto – um idioleto adotado por uma casa.

Uma comunidade de fala é composta por uma diversidade de sujeitos. Compreender a pluralidade de vivências, narrativas e percepções contribuirá para o entendimento de que a língua afeta o comportamento social, assim como também é afetada pelo que se apresenta, socialmente, em todos os aspectos.

A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre “o que se deve e o que não se deve falar e escrever”, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua. (BRASIL, 2003, p.29).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que propõe a sociolinguística, a variação da língua que utilizamos é inquestionável, e não acontece desordenadamente.

Vimos que a variação linguística não deve ser analisada isoladamente, mas em alinhamento ao contexto social da comunidade de fala analisada, uma vez que a pluralidade abarcada pela diversidade humana afeta, diretamente, a maneira como os indivíduos se expressam e comunicam-se entre si.

Ainda que estudos sociolinguísticos sejam conhecidos, é importante lembrarmos que existe, ainda, um distanciamento entre a língua definida como “padrão”, e a língua “não padrão”, que contribui para o elitismo de determinada camada social, em detrimento de outras camadas, dificultando, muitas vezes, o acesso às possibilidades.

Tornar o conhecimento a respeito da variação linguística mais abrangente, permitirá que pessoas provenientes de camadas marginalizadas em decorrência de divergências linguísticas e comunicacionais tornem-se e sintam-se pertencentes à sociedade na qual estejam, por direito, inseridas.

Essa valorização da língua em seu sentido amplo e em todos os aspectos tem como meta ajudar o desenvolvimento do cidadão crítico, consciente do seu papel na sociedade e que sabe distinguir a variante linguística a ser usada em cada situação comunicativa a fim de se adequar, não necessariamente, às normas, mas ao contexto sociocultural. O domínio do jogo discursivo, essencial para o desenvolvimento de competências e habilidades na formação do cidadão crítico, envolve, necessariamente, a adequação dos discursos aos diferentes contextos e sua relação direta aos diferentes gêneros e tipos textuais.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, M. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola, 2013.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF. 1998.



CAMACHO, R. **A variação linguística**. In: Subsídios à proposta curricular de Língua Portuguesa para o 1º e 2º graus. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 1988.

CAMPOS, Kiko. 2022. **Diversidade social nas empresas: o que é e como incentivar?** 2022. <https://www.poderdaescuta.com/diversidade-social/#:~:text=Inclui%20variadas%20etnias%2C%20religi%C3%B5es%2C%20culturas,de%20vista%20e%20habilidades%20%C3%BAnicas>. Acesso em 28 junho.2023.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial. 2008.

MONTEIRO, J.L. **Para Compreender a obra de William Labov**. Petrópolis: Vozes, 2008

SOARES, M. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1986.

VIEIRA JÚNIOR, I. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.